

As funções da Linguagem no Processo de Retextualização: Um Estudo a partir da Obra *Emoji Dick, or the Whale*.
*The Language Functions in the Retextualization Process: A Study based on *Emoji Dick, or the Whale*.*

 <http://eoi.citefactor.org/10.11248/ehum.v13i1.3039>

Rubens Júlio Lopes Júnior

Professor de língua inglesa do Colégio Tiradentes da PMMG.
rjljunior@hotmail.com



Jairo Venício Carvalhais Oliveira

Professor da FALE da Universidade Federal de Minas Gerais.
Doutor e mestre em Estudos Linguísticos pela UFMG.
jairovco.ufmg@gmail.com



<https://orcid.org/0000-0002-3511-9293>

Recebido em: 21/05/2020 – Aceito em 25/07/2020

Resumo: *Moby Dick* é um romance norte americano bastante conhecido. Assim como outras obras famosas, a história da grande baleia branca foi recontada em diversas oportunidades, nos mais variados gêneros. Em 2010, foi publicado um livro chamado *Emoji Dick, or The Whale*, por Fred Benenson. Essa obra foi o primeiro romance escrito em emojis aceito pela Biblioteca do Congresso, a mais antiga dos Estados Unidos. Tomando *Emoji Dick* como objeto de estudo, esta pesquisa analisa os emojis como ferramentas da comunicabilidade humana. Embora o objetivo central deste artigo seja identificar quais são as funções de linguagem predominantes no processo de retextualização que acontece em *Emoji Dick*, este trabalho acaba por explorar também o papel que os signos imagéticos em questão detêm enquanto recurso linguístico de maneira geral. O referencial teórico que fundamentou esta pesquisa partiu, principalmente, dos estudos voltados para as funções de linguagem propostas por Jakobson (1979) e discutidas por Chalhoub (1997), e dos processos de retextualização oferecidos por Marcuschi (2001). Este estudo pretende, assim, investigar e desvendar até que ponto os emojis funcionam como instrumentos de diálogo eficazes no tocante à comunicação humana.

Palavra Chave: Emojis; funções de linguagem; retextualização.

Abstract: *Moby Dick* is a well-known American novel. As well as other famous works, the story of the great white whale has been retold in different occasions, in a wide variety of genres. In 2010, a book called *Emoji Dick, or The Whale* was published by Fred Benenson. The retextualization was the first novel translated into emojis accepted by the Library of Congress, the oldest of the US. Taking *Emoji Dick* as an object of study, this research analyzes emojis as human communicability tools. Although the main objective of this article is to identify which functions of language are prevailing in the retextualization process that happens in *Emoji Dick*, this work eventually explores the role that the image signs at issue hold as a linguistic resource in general. The theoretical background that is the basis of this research was mainly taken from studies focused on the functions of language proposed by Jakobson (1979) and discussed by Chalhoub (1997), and the retextualization process offered by Marcuschi (2001). Therefore, this study aims to investigate and unravel to what extent emojis act as effective dialogue instruments to the human communication.

KeyWords: Emojis; functions of language; retextualization.



Introdução

A escrita é um fenômeno que acompanha a evolução do ser humano ao longo da história, permitindo, sobretudo, o registro de fatos, acontecimentos e emoções. Nos primórdios da humanidade, quando ainda não havia um sistema organizado de caracteres que permitisse a representação de palavras através de uma sequência lógica, as escriturações eram baseadas em imagens, demonstradas por meio de pictogramas, que, de acordo com Paiva (2016), significam a representação de um conceito por meio de uma figura.

Embora a comunicação escrita tenha sido iniciada através dos pictogramas, ela evoluiu para a escrita por meio de palavras. Hoje, porém, principalmente no meio tecnológico digital, existem figuras - como os emojis - que podem ser utilizadas simultaneamente com o texto escrito, funcionando, de certa forma, como suporte que complementa a construção de sentidos daquilo que se deseja expressar por meio da escritura ou, até mesmo, constituindo-se como elementos centrais no processo de significação.

Os emojis, de acordo com Paiva (2016), são representações tipográficas de expressões faciais retratadas a partir de imagens, muito recorrentes em plataformas digitais, principalmente em redes sociais. Entretanto, os emojis vão além de expressões faciais, podendo representar pessoas, objetos, animais, elementos da natureza, alimentos, símbolos utilizados como linguagem não verbal (placas, por exemplo), caracteres asiáticos, dentre outras categorias. Ainda de acordo com Paiva (2016), os emojis podem ser utilizados para diferentes funções linguísticas, especialmente no que se refere à expressão de sentidos de caráter emocional. A partir desses apontamentos, é coerente afirmar que a função emotiva/expressiva da linguagem exerce importância de primeira grandeza na constituição identitária dos emojis.

No final da década de 70, Roman Jakobson (1979), um dos mais importantes linguistas do século XX, pontua que a linguagem é constituída de diferentes fatores que envolvem o processo de comunicação entre os indivíduos: contexto, remetente, mensagem, destinatário, contato e código. Esses fatores, segundo o linguista russo, determinam as seis funções da linguagem, respectivamente: referencial, emotiva, poética, conativa, fática e metalinguística. Na atualidade, com o advento das novas tecnologias, os emojis configuram uma nova forma de linguagem. Como consequência disso, este trabalho apresenta uma breve análise de como as funções propostas por Jakobson se estabelecem em um recorte do gigantesco contexto em que os emojis estão presentes.

Com o avanço da tecnologia digital e o extraordinário consumo de redes sociais na contemporaneidade, o uso de emojis tem se tornado cada dia mais comum. Dentre os efeitos do uso massivo desse novo recurso linguístico, está a adaptação de textos escritos em caracteres do alfabeto romano para a linguagem imagética dos emojis. A nova versão da obra literária *Moby Dick*, de autoria de Herman Melville, intitulada *Emoji Dick, or The Whale*, feita por Fred Benenson, pode ser considerada uma consolidação dessa retextualização por meio de emojis.

A partir da leitura das obras *Moby Dick* e *Emoji Dick, or The Whale*, este trabalho tem como objetivo central analisar como as funções da linguagem propostas por Jakobson (1979) são representadas ao longo do processo de retextualização da narrativa de Herman Melville e, a partir disso, verificar a existência (ou não) de possíveis problemas linguísticos encontrados no tocante ao processo de retextualização do romance para um novo texto cuja construção situa-se, predomi-



minantemente, no terreno da linguagem visual.

No que diz respeito ao processo de retextualização, Marcuschi (2001) apresenta diversas situações em que essa atividade é realizada. Contudo, a retextualização de textos escritos para textos imagéticos – os emojis, especificamente – não é uma atividade comum, tendo em vista que os emojis são signos semióticos relativamente novos em relação à comunicação realizada por meio de signos verbais. Essa é, portanto, uma justificativa plausível, a qual julgamos pertinente para embasar a escolha do tema investigado.

De acordo com a Emojipedia¹, um catálogo *online* de emojis que demonstra o significado e a utilização dos caracteres imagéticos no Padrão Unicode, existem, na última versão Unicode, 3.304 emojis². O lançamento de emojis mais recente é o Emoji 13.0, que adicionou 117 novos emojis em março de 2020. É importante conhecer as especificidades e as funcionalidades desse novo signo semiótico, uma vez que ele se faz presente no mundo tecnológico e globalizado. Nesse sentido, os resultados apurados a partir da pesquisa que origina este artigo podem contribuir para uma compreensão mais bem elaborada no que concerne à aplicabilidade dos emojis na comunicação contemporânea.

As análises apresentadas neste trabalho foram realizadas a partir do estudo do capítulo 36 da obra *Emoji Dick, or The Whale*. Essa obra é uma tradução/retextualização do romance literário intitulado *Moby Dick*, de autoria do norte-americano Herman Melville, para a linguagem dos emojis. De forma específica, foram examinados, no capítulo selecionado, os textos escritos e os textos imagéticos envolvidos no processo de retextualização no âmbito das funções da linguagem presentes nas duas obras. É importante assinalar, desde já, que o estudo aqui apresentado não tem como pretensão efetuar análises literárias acerca do romance de Melville. Entretanto, em alguns momentos, foram realizadas breves interpretações da narrativa a fim de se compreender a dimensão contextual que engloba os textos analisados. Além disso, também foram analisados elementos paratextuais presentes unicamente na retextualização de *Moby Dick*. Ao final, serão apresentados possíveis questionamentos a respeito do que foi examinado e tido como resultado da pesquisa empreendida.

Do ponto de vista da sua estruturação composicional, o presente artigo encontra-se organizado em 06 (seis) seções, além da introdução e das considerações finais. Na seção 1, são apresentadas algumas considerações sobre o surgimento e a evolução da escrita, bem como algumas conceituações relativas às funções da linguagem na abordagem comunicacional proposta por Roman Jakobson. A seção 2 trata do fenômeno da retextualização, enfatizando as possíveis transformações existentes na passagem do conteúdo informacional de um texto para outro (ou de um gênero textual para outro gênero textual). A seção 3 é destinada a uma apresentação sobre os emojis, no intuito de caracterizar essa forma de linguagem e de apresentar a sua rápida evolução no que tange ao uso de novas linguagens nas interações sociais. A seção 4 apresenta os procedimentos metodológicos utilizados na realização da pesquisa. Já as seções 5 e 6 tratam, respectivamente, da análise dos dados e da discussão dos resultados obtidos.

A Escrita e as Funções da Linguagem

Não há como pontuar com exatidão onde, de fato, a escrita surgiu. Cohen (1970) salienta que “não é possível segui-la [a história da escrita]

¹Disponível em: <http://emojipedia.org>

²Disponível em: <https://emojipedia.org/faq/>



simplesmente no decurso do tempo, porque começou várias vezes e em mais de um lugar”. De acordo com informações fornecidas no episódio 6 da série televisiva canadense *Ecce Homo* (1999), intitulado “Escrita”, entre os principais registros de origem da escrita estão a região da Suméria, onde hoje é o Iraque, há cerca de 5.500 anos, em placas de barro; há mais de 3.500 anos, na China, na forma de pictogramas; e há cerca de 2.500 anos, quando os maias desenvolveram seu próprio sistema de escrita na América Central.

O complexo da escrita surgiu, inicialmente, da necessidade de fazer contas e listar posses. Os fenícios, que faziam parte da Civilização Fenícia na Antiguidade, criaram um sistema com 22 caracteres: as 22 consoantes que são conhecidas até hoje no alfabeto romano. Os gregos aperfeiçoaram o sistema já existente criando as vogais. Assim, também, surgiu o alfabeto: a junção da primeira vogal (alfa) à primeira consoante (beta).

Apesar de toda a funcionalidade da escrita, sua evolução e seu desenvolvimento ao longo da história, é de se considerar que estejamos retornando às origens – voltando às imagens – uma vez que, atualmente, a linguagem não verbal vem ganhando espaço nos meios de comunicação. Por outro lado, há quem discorde. É dito no episódio “Escrita” de *Ecce Homo* (1999) que “as imagens jamais poderão substituir a escrita, pois seria impossível criar filmes ou histórias em quadrinhos sem palavras ou roteiros”. Hoje, entretanto, esse paradigma tem chances de ser contestado se forem levados em consideração o uso e a funcionalidade dos emojis como um dos mais novos recursos de comunicação humana.

Vista como um processo que envolve a troca de informações entre dois ou mais interlocutores por meio de signos e regras semióticas mutuamente entendíveis, a comunicação humana pode ser entendida, conforme os estudos de Jakobson (1979), como um processo social primário, o qual permite criar e interpretar mensagens que provocam uma resposta. Nesse sentido, a mensagem enquanto componente do processo comunicacional acontece com o propósito de transmitir: é chamado de *emissor* aquele que envia, através de um *código*, a mensagem a um *receptor*. Esse código diz respeito a um *contexto* e é veiculado através de uma estrutura física denominada *canal*.

Sobre essa questão, é importante destacar, como bem apontam Flores e Texeira (2017, p. 22), a importância dos estudos de Jakobson, uma vez que ele pode ser considerado “um dos primeiros linguistas a pensar sobre as questões da enunciação, porque sua teoria das funções da linguagem e seu trabalho sobre os *shifters* são algumas das primeiras sistematizações que se têm em linguística sobre o lugar do sujeito na língua”, concepção até então não levada em consideração pelas teorias linguísticas anteriores.

Alguns estudiosos elaboraram modelos e teorias a respeito desse sistema de comunicação. Karl Bühler, um psicólogo austríaco, por exemplo, o fez em três partes, apresentando três itens elementares: o *destinador* (mensagens expressivas), o *destinatário* (mensagens apelativas) e o *contexto* (mensagens de natureza comunicativa). Jakobson (1979) aprimorou esse sistema para seis itens, a fim de complementar o protótipo oferecido por Bühler: *contexto* ou *referente*, representando a função referencial; *remetente* ou *emissor*, correspondendo à função emotiva; *mensagem*, simbolizando a função poética; *receptor* ou *destinatário*, caracterizando a função conativa; *canal* ou *contato* retratando a função fática; e *código*, configurando a função metalinguística. Os fatores e suas respectivas funções são representados por Jakobson pelos seguintes esquemas:



	CONTEXTO		
REMETENTE	MENSAGEM		DESTINATÁRIO
	CONTATO		
	CÓDIGO		

Esquema 1. Fonte: Jakobson (1979)

	REFERENCIAL		
EMOTIVA	POÉTICA		CONATIVA
	FÁTICA		
	METALINGÜÍSTICA		

Esquema 2. Fonte: Jakobson (1979)

Essas funções coexistem dentro de um ato comunicativo. Numa mensagem podem estar presentes várias funções simultaneamente. Entretanto, uma delas predominará, tornando possível caracterizar a mensagem de acordo com seu fator e sua função.

A primeira função é a referencial. Seu foco principal é o contexto, isto é, de acordo com Chalhoub (1997), o referente e o contexto dão uma resposta à pergunta *do que se fala?* Fala-se sobre um *objeto referido* ao mundo extralinguístico, sendo esse objeto sempre constituído por expressões referenciais (ou denotativas). De maneira geral, é o reflexo do mundo.

A função emotiva, também conhecida como “expressiva”, chama atenção ao remetente. Volta-se para uma expressão direta da atitude de quem fala em relação àquilo de que está falando. Essa função “tende a suscitar a impressão de uma certa emoção, verdadeira ou simulada; por isso o termo ‘função emotiva’ [...] demonstrou ser preferível a ‘emocional’” (JAKOBSON, 1979, p. 124). O linguista ressalta, ainda, que a camada emotiva da linguagem é apresentada pelas interjeições. Além disso, é um traço importante o uso da primeira pessoa, tendo em vista que o elemento fundamental da função emotiva é o locutor ou remetente.

Quando o foco é o destinatário, a função conativa é a que está em funcionamento. De acordo com Jakobson (1979), “a orientação para o destinatário [...] encontra sua expressão gramatical mais pura no vocativo e no imperativo”, sendo o imperativo a marca principal, como no comando “Trabalhe!”. O imperativo carrega, de forma implícita, o sujeito “você” por trás do nível superficial, escrito, configurando, assim, o contato direto com o interlocutor.

Se o propósito de um dos dois sujeitos comunicativos, locutor ou interlocutor, é prolongar a comunicação, a função fática é a que se faz presente. O que é observado como foco nesse caso é o contato, o suporte físico e como ele se dá e/ou é tratado durante o processo de comunicação.

A função metalingüística tem relação com o código. O conceito de metalingüagem, nesse caso, ultrapassa os limites do uso lógico e linguístico. “Sempre que o remetente e/ou o destinatário têm necessidade de verificar se estão usando o mesmo código, o discurso focaliza o código; desempenha uma função metalingüística” (JAKOBSON, 1979, p. 127). A mensagem de caráter metalingüístico requer que a seleção operada no código articule elementos que retornem ao próprio código. Sendo assim, uma mensagem incompreendida que gere a pergunta “o que você disse?”, por exemplo, configura a função metalingüística da linguagem.



Quando o foco envolvido na comunicação é a mensagem, a função da linguagem exercitada é a poética. Esta diz respeito à disposição ou escolha das palavras na frase, aos sons emitidos pelas palavras ditas, dentre outros fatores.

Este trabalho tem como objetivo principal apontar e analisar o funcionamento das funções de linguagem presentes no texto escrito e no texto multimodal do capítulo 36 de *Emoji Dick, or The Whale*, e a relação existente no processo de retextualização da obra. Como já foi dito, não há como determinar apenas uma função de linguagem para um texto: haverá sempre a predominância de uma função, sem excluir a existência de traços que representem outras. Chalhoub (1997) fala sobre esse diálogo das funções: “Numa mesma mensagem [...] várias funções podem ocorrer, uma vez que, atualizando concretamente possibilidades de uso do código, entrecruzam-se diferentes níveis de linguagem”.

Os Processos de Retextualização

A principal característica de *Emoji Dick, or The Whale* é o fato de ser, por completo, uma retextualização. De acordo com Marcuschi (2001), a expressão *retextualização* foi utilizada primeiramente por Neusa Travaglia em sua tese de doutorado sobre a tradução de uma língua para outra, em 1993.

Existem, de acordo com Marcuschi, quatro possibilidades de retextualização. No quadro a seguir, podem ser conferidas tais ocasiões em que o processo de retextualização acontece através de exemplos contextualizados:

POSSIBILIDADES DE RETEXTUALIZAÇÃO					
1. <i>Fala</i>	→	<i>Escrita</i>	(entrevista oral	→	entrevista impressa)
2. <i>Fala</i>	→	<i>Fala</i>	(conferência	→	tradução simultânea)
3. <i>Escrita</i>	→	<i>Fala</i>	(texto escrito	→	exposição oral)
4. <i>Escrita</i>	→	<i>Escrita</i>	(texto escrito	→	resumo escrito)

Fonte: Marcuschi (2001, p. 48).

A partir dos exemplos dados, pode-se afirmar que a retextualização é uma atividade mais comum do que se imagina – o que não a torna menos complexa – ocorrendo em situações básicas do cotidiano. Marcuschi confirma essa afirmação ao dizer que as

atividades de retextualização são rotinas usuais altamente automatizadas, mas não mecânicas, que se apresentam como ações aparentemente não-problemáticas, já que lidamos com elas o tempo todo nas sucessivas reformulações dos mesmos textos numa intrincada variação de registros, gêneros textuais, níveis linguísticos e estilos. Toda vez que repetimos ou relatamos o que alguém disse, até mesmo quando produzimos as supostas citações *ipsis verbis*, estamos transformando, reformulando, recriando e modificando uma fala em outra. (MARCUSCHI, 2001, p. 48)

Para mais do que as quatro possibilidades sugeridas por Marcuschi, há também aspectos tex-



tuais-discursivos envolvidos nas atividades no processo de retextualização que se mostram indispensáveis para a presente pesquisa. Marcuschi (2001) propõe seis operações básicas que ocorrem no que diz respeito das atividades de retextualização: eliminação, completude e regularização, no nível das atividades de idealização, e acréscimo, substituição e reordenação, no nível das atividades de reformulação.

Este trabalho tem como principal objeto de pesquisa a retextualização de *Moby Dick* feita por Fred Benenson através dos emojis. Por se tratar de um material de puramente imagético, diferentemente do texto original, a retextualização em destaque confere traços muito divergentes em relação ao primeiro texto. Entretanto, isso também ocorre em outras situações de retextualização, como é o caso da *fala* e da *escrita*. Marcuschi enfatiza que:

[...] a oralidade apresenta certas características peculiares e tendenciais (por exemplo, repetição de elementos, redundância informacional, fragmentariedade sintática, marcadores frequentes, hesitações, correções etc.) que a escrita pode, para efeitos específicos, imitar sem deixar de ser escrita. Mas a escrita possui uma série de elementos gráficos tais como , ±, ∞, [], () ou então certos recursos da pontuação, de aspas e assim por diante que não ocorrem na oralização, mas que podemos oralizar (ou mesmo “gestualizar”) em certas condições” (MARCUSCHI, 2001, p. 53)

Tais características não dizem respeito à linguagem dos emojis. Entretanto, elas trabalham a favor da reiteração da concepção de que o texto multimodal confere propriedades distintas de outros textos.

Breve Considerações sobre os Emojis

Os emojis são pictogramas que podem representar sentimentos, ideias, entidades, estados ou eventos (EVANS, 2017). Ao longo dos anos, desde seu surgimento, o uso dos emojis tem crescido de forma considerável. O principal fator desse fenômeno é o uso facilitado pelas redes sociais. De acordo com a Emojipedia, há, atualmente, 3.304 emojis sancionados.

É importante registrar que não há como falar sobre emojis sem antes falar sobre emoticons, visto que os primeiros são, de certa, forma, a evolução dos segundos. Os emoticons possuem o mesmo propósito dos emojis, porém se configuram de maneira mais simplória: através da combinação de caracteres presentes no teclado de qualquer computador, como, por exemplo, :-).

De acordo com Avelar (2018), os emoticons surgiram em 1982 quando o professor americano Scott Fahlman, com a intenção de diferenciar o que era piada e o que era sério, sugeriu aos seus alunos da plataforma digital o uso dos ícones de emoção :) e :(. Já os emojis datam de 1997, segundo Maddox (2015), perfazendo um aprimoramento dos ícones de emoção representados pelos emoticons.

A palavra emoticon equivale às palavras de origem inglesa *emotion* + *icon*, podendo ser traduzida para ícone de emoção, como citado anteriormente. A palavra emoji é de origem japonesa e significa *e* + *moji*, sendo *e* gravura e *moji* letra ou caractere. Ao contrário do que muitos podem pensar, o “e” nas duas palavras não significam *eletrônico*, como acontece nas palavras *e-mail* ou



e-book, por exemplo.

De acordo com Evans (2017), hoje em dia, os emojis são, possivelmente, a primeira forma universal de comunicação do mundo, podendo ser considerados uma língua franca, ou seja, aquela que pode ser usada para se comunicar entre pessoas que possuem línguas maternas diferentes.

Levando em consideração que o objeto de estudo deste trabalho é a retextualização em formato digital da obra *Moby Dick*, de Herman Melville, para a obra *Emoji Dick, or The Whale*, de Fred Benenson, é possível afirmar que temos, nesse processo, duas obras e duas linguagens.

A clássica obra literária *Moby Dick* é um romance norte americano publicado, primeiramente, em 1851. Seu autor, Herman Melville (1819-1891), obteve grande sucesso no início da carreira. Entretanto, o estadunidense teve sua popularidade drasticamente decaída ao longo dos anos e acabou por cair no esquecimento antes do seu mais famoso e importante trabalho, *Moby Dick*, atingir o grande reconhecimento que possui até os dias atuais.

A narrativa, de forma resumida, descreve a história de um grupo de marinheiros que está em busca de um cachalote de cor branca. Na história, a baleia é conhecida por ser uma criatura com poderes sobrenaturais e que sempre conseguiu se defender dos caçadores e destruí-los. O principal motivo de o grupo de marinheiros estar à procura de Moby Dick é o fato de a baleia ter devorado uma das pernas do capitão Ahab, o capitão da tripulação. Esse, inclusive, é o tema principal da história: a vingança. O romance é narrado por um dos marinheiros, Ismael, e, dessa forma, o enredo é descrito e configurado através da visão de um narrador-personagem.

Por ser uma obra representativa do Romantismo, a narrativa possui descrições exageradas – e, de certa forma, exaustivas – através dos 135 capítulos em que é contada. Entretanto, o trabalho de Herman Melville é um dos mais importantes da literatura dos Estados Unidos e é conhecido mundialmente, servindo como ponto de partida para diversas adaptações/traduições: histórias em quadrinhos, cinema e música, por exemplo.

Uma das adaptações/traduições mais recentes é o livro digital *Emoji Dick, or the Whale*, que traz a história original de Herman Melville “legendada” em emojis. A retextualização foi editada e compilada por Fred Benenson, traduzida pelo Amazon Mechanical Turk, um serviço online que trabalha com mercados de programação digital operado por humanos, e publicada em 2010. Além de *Emoji Dick, or The Whale*, Benenson possui mais um livro publicado, também sobre emojis: *How to speak emoji*, publicado em 2015. A versão emoji de *Moby Dick* não possui tradução para o português

O capítulo 36, que será o recorte utilizado para fazer as análises deste trabalho, intitulado “The Quarter-Deck” (em português “O Castelo de Proa”) apresenta, principalmente, dentre outras situações, o momento em que Capitão Ahab descreve a paixão, a obsessão que sente pela grande baleia branca Moby Dick.

Descrição dos Aspectos Metodológicos

O presente artigo apresenta os resultados de uma pesquisa de natureza exploratória e de caráter essencialmente qualitativo no que diz respeito à análise dos dados. Do ponto de vista bibliográfico, além de livros relacionados ao estudo das funções da linguagem e dos processos de retextualização, outras fontes foram consultadas – sites, artigos científicos, monografias, dissertações – com destaque para trabalhos provenientes do Google Acadêmico como base de dados.

A pesquisa tomou como objeto de investigação as diferentes formas de representação ima-



gética de um capítulo específico da obra intitulada “*Emoji Dick, or the Whale*”. Vale ressaltar que essa obra é uma tradução/retextualização do romance *Moby Dick*, de autoria de Herman Melville, para a linguagem dos emojis. Para este artigo, foram analisadas nove passagens do capítulo 36 da retextualização em emojis da obra literária norte-americana *Moby Dick*, intitulado “The Quarter-Deck” (O Castelo de Proa, em português). O capítulo em questão foi escolhido por possuir, através do contexto da narrativa, material considerado relevante e adequado para as análises realizadas. O levantamento do *corpus* levou em consideração alguns fatores, a saber: (i) as condições de retextualização; (ii) a tradução; (iii) a data dos elementos imagéticos.

Sobre os Processos de Retextualização

A respeito das condições de retextualização, Marcuschi (2001) apresenta, em seu livro “Da fala para a escrita: atividades de retextualização”, diversas situações em que a retextualização é realizada. Contudo, a retextualização de textos escritos para textos imagéticos – especificamente para a linguagem dos emojis – não é (ainda) uma atividade comum enquanto recurso linguístico.



As possibilidades de retextualização propostas por Marcuschi (2001) abarcam quatro situações: fala-fala, fala-escrita, escrita-fala e escrita-escrita. No entanto, tais possibilidades não abrangem efetivamente o que ocorre na retextualização da obra *Moby Dick* para um novo texto em linguagem imagética. Nessa nova situação comunicativa, o processo de retextualização acontece a partir de um texto escrito para um texto imagético. Sendo assim, a possibilidade escrita-escrita pode ser considerada como a mais próxima do que se cumpre em *Emoji Dick, or The Whale*.




Dentre as operações básicas de retextualização propostas por Marcuschi (2001), são levadas em consideração: acréscimo, eliminação, substituição e reordenação, uma vez que tais operações se mostram suficientes para a compreensão das análises das passagens extraídas da obra *Emoji Dick, or The Whale*. De forma mais específica, foi possível notar que: (i) o acréscimo conta com o aumento de significação ao final do processo de retextualização – uma vez que um emoji pode carregar mais sentido do que uma palavra (ou até mais de uma); (ii) a eliminação ou a supressão é o efeito contrário à operação anterior, enxugando informações de um texto para outro; (iii) a operação de substituição consiste na troca de significação como resultado na retextualização – o que já acontece em todo o objeto de estudo, uma vez que os recursos linguísticos utilizados para representar a mesma narrativa são diferentes em vários níveis; (iv) a reordenação resume-se na ordem estrutural de como as informações apresentadas no texto original estão (diferentemente) dispostas na retextualização.

Além desses apontamentos, é importante salientar que a retextualização da obra *Moby Dick* feita por Fred Benenson foi publicada em língua inglesa e apresenta, até então, apenas essa versão. O fato de o livro não ser em português faz com que um ponto importante seja levado em consideração: a tradução do inglês para o português pode comprometer o sentido das passagens do romance que são analisadas neste trabalho. As passagens são traduzidas durante as análises a fim de que se consiga um bom nível de entendimento do que está sendo examinado. Em algumas situações, tomamos o cuidado de explicar questões a respeito da língua inglesa como solução para possíveis mal entendimentos ou interpretações divergentes.

Algo parecido ocorre com a outra linguagem utilizada em *Emoji Dick, or The Whale*: a linguagem dos emojis. A interpretação de determinados emojis pode ser diferente de acordo com o conhecimento que o leitor possui deles. Paiva (2016) explica e ilustra tal situação:



Os emojis [...] podem funcionar como pictogramas e também como ideogramas, como explica Sternbergh (2014), exemplificando com os pictogramas de berinjela e pêssego   que são, ao mesmo tempo, utilizados com conotação sexual.

Existem também variações culturais, a exemplo de um montinho de fezes  (ver CARPANEZ (s/d).), que no Japão é usado para desejar boa sorte, mas pode ser ofensivo no Brasil. O emoji , que significa Ok nos Estados Unidos, é um palavrão no Brasil, e o emoji , que foi criado para significar um tipo de cumprimento muito comum na cultura americana, o *high-five*, tem o sentido usado com agradecimento no Japão e como prece por muitas pessoas, inclusive no Brasil. (PAIVA, 2016, p. 385)

Essa particularidade acerca do conhecimento prévio dos emojis foi levada em consideração durante as análises e se encontra presente no decorrer da investigação.

Sobre a “Idade” dos Emojis

A lista de emojis disponível nos dias atuais é frequentemente atualizada e cresce a cada *upgrade* que é feito pelo Padrão Unicode. O lançamento mais recente – Emoji 13.0 – foi feito em março de 2020. Foram adicionados à lista 117 novos emojis, de acordo com a Emojipedia.

Fred Benenson publicou *Emoji Dick, or The Whale* no ano de 2010. Dessa forma, logicamente, os emojis utilizados na retextualização de *Moby Dick* eram os sancionados pelo Padrão Unicode até aquele ano. Tal fato deve ser levado em consideração, uma vez que a escolha dos emojis feita por Benenson em 2010 subscreve a leitura do seu trabalho numa perspectiva sincrônica da linguagem dos emojis. Dito isso, vale enfatizar que a observação realizada sobre a existência de determinados emojis (e não de outros) em um dado momento histórico também exerceu influência na produção e na análise dos dados deste trabalho.

Sobre o Preciso de Análise

Para alcançar o objetivo geral deste trabalho, qual seja, o de analisar como as funções da linguagem se configuram através dos emojis na retextualização da obra literária *Moby Dick*, a pesquisa foi realizada em três etapas básicas: (i) a tradução e a interpretação das passagens selecionadas, tanto através do texto escrito quanto através do texto imagético, (ii) o reconhecimento da função de linguagem predominante nas passagens selecionadas; (iii) a verificação das operações presentes no processo de retextualização escrita-imagem.

Conforme postula Marcuschi (2001), existe um processo de retextualização específico no que se refere à operação básica de transformação escrita-escrita (isto é, na transposição da linguagem escrita para a própria linguagem escrita). Entretanto, neste trabalho, essa operação se mostra, de certa forma, incomum, uma vez que acontece a retextualização de um texto escrito para um texto multimodal. Devido ao caráter diversificado dos emojis, existe um processo de redução da narrativa em si. A supressão de informações da história pode interferir na interpretação a ser realizada pelo leitor.



Dentre as seis funções de linguagem propostas por Jakobson (1979), faz-se necessário apontar duas singularidades no tocante a este trabalho. A primeira é que a função referencial não protagonizou nenhuma das análises realizadas pelo fato de essa função da linguagem ser característica de textos formativos e informativos, e não de textos ficcionais. Estes, por sua vez, não possuem compromisso com uma verdade instaurada. A segunda particularidade diz respeito à função metalinguística: ela se dá através do próprio fenômeno da retextualização. Em outros termos, a metalinguagem está presente em toda a obra retextualizada, e, por conta disso, não aparecerá nas análises apresentadas.

Análise dos Dados

A primeira passagem escolhida da retextualização feita por Fred Benenson pode ser conferida no exemplo 01, a seguir:

Exemplo 01







Vehemently pausing, he cried:-- "What do ye do when ye see a whale, men?"

Fonte: Benenson (2010, p. 210).

Na obra traduzida, o trecho do exemplo 01 é “Parando veementemente, ele exclamou: ‘Homens, o que fazeis ao ver uma baleia?’”.

Numa primeira observação, focada no texto escrito, pode-se destacar a predominância da função conativa, uma vez que a mensagem é direcionada aos destinatários: os marinheiros da tripulação do Capitão Ahab.

Quanto ao conteúdo imagético, o texto dos emojis faz jus ao texto escrito, embora apresente suas particularidades. A sequência de emojis    tem relação com a primeira parte do trecho, “Vehemently pausing, he cried”, no qual o emoji inicial representa a noção do advérbio “veementemente” e o segundo, o verbo “pausing”, através do sinal reproduzido pela mão. O terceiro emoji reflete a oração “he cried”. A tradução mais adequada é “ele exclamou”. No entanto, ao explorar o sentido primordial do verbo “cried”, a tradução básica seria “chorou”. Pode-se, por meio dessa análise, interpretar o emoji  como o “chorar”, mesmo que um emoji que representasse lágrimas pudesse substituir e traduzir de forma mais adequada esse sentido.

Um exemplo adequado para corroborar essa primeira análise é a retextualização do trecho que inicia a obra *Moby Dick*, apresentado a seguir.


Exemplo 02

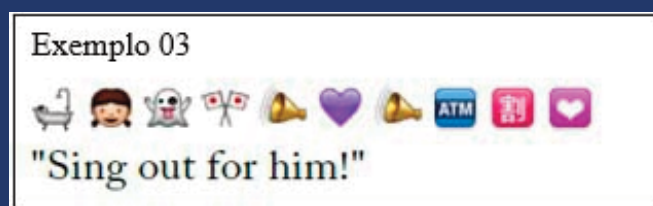


Call me Ishmael.

Fonte: Benenson (2010, p. 15).





Ishmael (ou Ismael, em português) é um dos marinheiros da tripulação de Capitão Ahab e é o narrador intradieético. Na obra traduzida, o trecho do exemplo 02 é “Podes me chamar de Ismael”. O primeiro emoji é de um telefone, . Em inglês, o verbo “call”, assim como outros verbos, possui mais de um significado: “chamar” no sentido de chamar alguém por determinado nome – que é, de fato, a essência do verbo no contexto da passagem em questão – e “chamar” no sentido de fazer uma ligação, telefonar para alguém. Nessa perspectiva, a forma mais adequada para representar o verbo em si, de acordo com Benenson, é através do segundo sentido do verbo: fazer uma ligação. Embora, em inglês, o verbo continue sendo o mesmo, no decorrer dessa retextualização houve a supressão do sentido original do texto escrito. Tal fato pode afetar a compreensão por parte do leitor. O trecho posterior ao da imagem 1 é o seguinte:



Fonte: Benenson (2010, p. 210).

Em relação ao exemplo 03, a tradução da obra em português é “Anunciamos o fato!”, o que responde à pergunta feita por Capitão Ahab na passagem anterior. Por se tratar de uma oração na primeira pessoa do plural, pode-se definir a predominância da função emotiva.

Ao contrário do que acontece na passagem ilustrativa do exemplo 01, no trecho em destaque (exemplo 03) nota-se que a relação entre o texto escrito e o texto imagético apresenta divergências no que se refere ao elo de significação entre eles.

Percebe-se, no exemplo 03, que o texto imagético não cumpre o papel de reproduzir a ideia presente no texto escrito. A escolha dos emojis parece ter sido feita de maneira aleatória. Entre os emojis apresentados, não há nada que se possa inferir ou interpretar de maneira eficaz,  com exceção de , que pode ser relacionado ao *phrasal verb* “sing out” ou, em português, “anunciar” (o fato).

Essa situação também pode dificultar a interpretação do leitor. Por esse motivo, pode-se depreender que a função da linguagem predominante no texto imagético é a fática, pois, de acordo com Chalhoub (1997), “o objetivo desse tipo de mensagem é testar o canal, é prolongar, interromper ou reafirmar a comunicação, não no sentido de, efetivamente, informar significados”. Sendo assim, diferentemente da função presente no texto escrito, as imagens parecem estar dispostas a manipular e retardar a leitura através da falta de sintonia clara entre os dois textos.

Tal comportamento – a desarmonia entre o texto escrito e o texto imagético – está presente em diversas passagens do livro e, conseqüentemente, do objeto de estudo deste trabalho que é, especificamente, o capítulo 36 da referida obra.

A operação de supressão, dentre as quatro operações básicas da retextualização (cf. Marcuschi, 2001), foi exemplificada anteriormente. Entretanto, há outra operação que se mostra presente ao analisar trechos da retextualização de *Moby Dick*: o acréscimo. Esta operação confi-



gura a adição de sentidos no processo correspondente à mudança de um texto para outro. Entretanto, no caso de *Emoji Dick, or The Whale*, há um efeito distorcido: o excesso de emojis acaba dificultando a compreensão da história em si, uma vez que o conteúdo pictográfico não faz jus ao conteúdo escrito. Para exemplificar tal ocorrência, foram escolhidos os trechos representados nos exemplos 04 e 05, a seguir:

Exemplo 04



Look ye!

Fonte: Benenson (2010, p. 211).

Exemplo 05



D'ye see it?

Fonte: Benenson (2010, p. 211)

As passagens presentes nos exemplos 04 e 05 podem ser traduzidas, respectivamente, como “Atenção todos vós!” e “Estais vendo?”. O texto escrito dos dois exemplos sinaliza fundamentalmente a função conativa da linguagem, uma vez que esta função “encontra sua expressão gramatical mais pura no vocativo e no imperativo” (JAKOBSON, 1979, p 125). Entretanto, novamente, existe a possibilidade de a escolha dos emojis que representam tais frases tenha sido feita de forma incerta, aleatória, uma vez que não há congruência entre os textos escrito e imagético.

Em consequência disso, pode-se reconhecer como função da linguagem predominante nos dois trechos a função fática, pois, segundo Jakobson (1979), essas mensagens servem para prolongar ou interromper a comunicação, na qual a interpretação do leitor é comprometida através da manipulação das significações relacionadas aos dois textos.

As seguintes passagens representam a fala de Capitão Ahab ao perceber um de seus marinheiros dizer que ouviu falar que Moby Dick era o nome da baleia branca:

Exemplo 06



"Moby Dick?"

Fonte: Benenson (2010, p. 212).

Exemplo 07



shouted Ahab.





Fonte: Benenson (2010, p. 212).



No texto escrito do exemplo 06 predominam as funções conativa e fática: conativa por ser uma pergunta e representar um contato direto com o receptor; fática também por ser uma indagação e corresponder a um contato com o destinatário, mas agora caracterizando uma reafirmação devido ao contexto em que foi feita (um dos marinheiros cita o nome Moby Dick na passagem anterior). Pode-se apontar essa natureza de reafirmação porque, de acordo com Chalhoub (1997), a tautologia também é um traço característico da função fática.

Assim como foi conferido na análise anterior, o trecho exibido no exemplo 06 não apresenta harmonia alguma quanto à relação dos textos imagético e escrito, o que retoma a função fática em sua essência: controlar e delongar a chegada do leitor ao final do texto, o que pode causar algum transtorno no que tange a sua apreciação.

Em contrapartida, a passagem apresentada no exemplo 07 mantém uma relação sentido equivalente entre os dois textos. “Shouted Ahab” é traduzido como “Gritou Ahab” na versão em português da obra de Melville.

Ao examinar o texto imagético, é fácil classificar os emojis e suas funções em nível de retextualização. As sequências  e , por exemplo, carregam por completo o sentido

de “Shouted Ahab”:  representa o ato de gritar,  representa o Capitão Ahab,  representa, possivelmente, certo desconforto dos marinheiros por causa do grito de Ahab e, por fim,  representa, novamente, o grito de Capitão Ahab (dessa vez com ligação direta ao emoji

anterior para simbolizar o mal estar da tripulação). Além de tudo, os emojis   trabalham, de certa forma, a favor da construção do cenário da narrativa, ou seja, agora, os emojis ultrapassam o plano de significação do texto escrito ao utilizarem a capacidade de representação imagética que as palavras, em geral, não possuem. Tal recurso é nomeado por Marcuschi (2001) como acréscimo.

Os trechos do capítulo 36 de *Emoji Dick, or The Whale* presentes neste trabalho foram estrategicamente escolhidos por suas particularidades. Dentre eles, três passagens revelam um comportamento bastante singular:

Exemplo 08



more intolerable than fiends' glarings is a doltish stare!

Fonte: Benenson (2010, p. 215)

Exemplo 09



So, so; thou reddenest and palest; my heat has melted thee to anger-glow.

Fonte: Benenson (2010, p. 215)



Exemplo 10



There are men from whom warm words are small indignity.

Fonte: Benenson (2010, p. 215).

É necessário apontar que existe uma passagem entre os exemplos 09 e 10. Porém, tal passagem não contempla as mesmas características dos trechos representados nos exemplos escolhidos – nem interfere no estudo das passagens em destaque – e, por isso, não será objeto de análise neste trabalho. É importante pontuar também que há outros trechos no capítulo 36 com a mesma sequência de emojis mostrada nos exemplos acima, os se encontram dispostos em diferentes momentos da obra. Em virtude do espaço destinado a este artigo, optamos por apresentar apenas as ocorrências mais ilustrativas de cada caso.

Os trechos apresentados nos exemplos 08, 09 e 10 são traduzidos como, respectivamente, “mais intolerável que a visão dos demônios é o olhar da estupidez!”, “Coraste e empalideceste! Meu ardor provocou em ti a chispa da cólera” e “Há homens cujas palavras apaixonadas não passam de ínfima indignidade”. Eles correspondem a falas do Capitão Ahab sobre sua obsessão por Moby Dick direcionadas a Starbuck, um dos marinheiros da tripulação.

A função conativa da linguagem mostra-se predominante no que se refere às três passagens por conferir cunho eloquente, com o propósito de convencer o interlocutor. Como destacado anteriormente, as falas correspondem a um diálogo entre Capitão Ahab e Starbuck, e o diálogo é “a forma mais correntemente comum de conação” (Chalhub, 1997, p 21).

No que se refere ao conteúdo ilustrativo, os trechos dos exemplos 08, 09 e 10 possuem natureza singular. A sequência dos seguintes emojis



é utilizada para representar as três passagens. Com isso, nota-se a existência de dois problemas: a falta de equilíbrio entre o texto escrito e o texto imagético, como conferido em análises anteriores, por falta de representação de sentido no tocante aos significados dos emojis – o que permite julgar certa aleatoriedade na escolha deles. Além disso, o fato de a mesma série de emojis ser usada como retextualização de passagens diferentes proporciona a perda de sentido do texto original, uma vez que não é o suficiente para sustentar todo o significado oferecido pelo texto escrito.

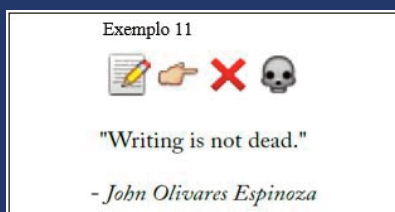
Em virtude dos problemas de retextualização detectados nos trechos acima, o texto imagético apresenta como função da linguagem predominante a função fática, visto que a recorrência da mesma sequência de emojis obstaculiza de maneira acentuada a leitura e a interpretação por parte do leitor. A operação de supressão (de sentido do texto original, nesse caso) é prevalente, prejudicando a compreensão da narrativa.

Logo em seguida ao epílogo da obra, há uma parte de *Emoji Dick, or The Whale* chamada “Backers’ emoji”, que pode ser entendido como “emoji dos suportes/financiadores (da equipe que produziu de *Emoji Dick, or The Whale*)” em português. Nessa seção são exibidas frases – que não possuem, necessariamente, relação com a obra de Melville – escolhidas por alguns dos con-

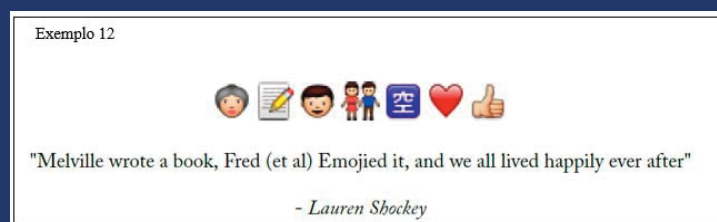


tribuintes para a produção da retextualização de *Moby Dick*. Porém, como no restante do livro, os textos escritos são representados através de emojis.

Nos exemplos 11 e 12, a seguir, são mostradas duas das diversas mensagens presentes na seção “Backers’ emoji”:



Fonte: Benenson (2010, p. 721).



Fonte: Benenson (2010, p. 721).

A análise dessas informações paratextuais toma como objetivo pontuar que a interpretação dos emojis pode ser subjetiva, uma vez que podem estar intimamente relacionadas àqueles que produziram o conteúdo retextualizado.

O texto do exemplo 11 foi produzido por John Olivares Espinoza e pode ser traduzido como “A escrita não está morta”. A escolha dos emojis feita por Espinoza é coerente quanto ao texto escrito, em que o emoji representa a palavra “writing” (“escrita”), por simbolizar uma folha de papel e um lápis e, dessa maneira, o ato de escrever. Por sua vez, as imagens representam

“is not” (“não está”), em que a imagem da mão com um dedo apontando para o “x” vermelho configura a ideia de negação carregada, fundamentalmente, pelo segundo emoji; e , “dead” (“morta”), uma vez que, não só no âmbito digital em que os emojis são utilizados, mas em outras representações de texto não verbal, a caveira caracteriza o fúnebre, a morte.


O segundo texto, mostrado no exemplo 12, foi feito por Lauren Shockey e, em português, significa “Melville escreveu um livro, Fred (*et al*) o ‘emojizou’, e todos nós vivemos felizes para sempre”. Diferente do que foi verificado anteriormente, o texto em questão requer uma análise mais aprofundada. A primeira observação é acerca das duas primeiras orações do texto de Shockey, onde Melville parece ser representado por , embora seja a imagem


de uma mulher idosa, e Fred por . Levando em consideração os dois

emojis entre , pode-se considerar que ele compreenda o sentido de que Melville e Fred trabalharam juntos: o primeiro escreveu e o segundo “emo-

³Sistema de caracteres japoneses. De acordo com a Wikipédia, no mundo ocidental, kanji também é sinônimo de ideograma. < <https://pt.wikipedia.org/wiki/Kanji> > acesso em: 28 de novembro de 2018

⁴Disponível em: <https://pt.wiktionary.org/wiki/%E7%A9%BA>

jizou”. A segunda parte da frase possui o emoji de um casal, , que por apresentar duas pessoas funciona como representante do pronome da primeira pessoa do plural “we” (“nós”). O emoji

 se faz presente justamente por causa do significado do kanji³ ? . De acordo com o Wikcionário⁴, dentre os significados de ? encontra-se “feliz (da vida)”, expressão que transporta o sentido de “lived happily ever after” adequadamente. Entretanto, é possível dizer que os emojis e vêm para corroborar com o sentido da expressão, podendo ser lidos, principalmente, como complementos para o advérbio “happily” (“alegremente”).

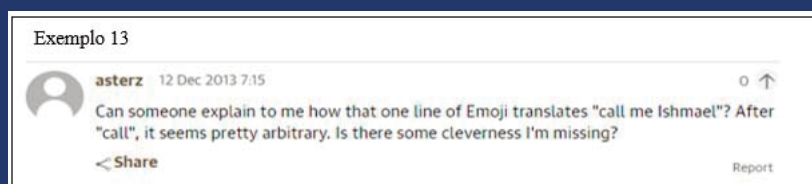
Os textos dos exemplos 11 e 12 não fazem parte da narrativa de Melville. Por esse motivo, não se faz necessária a análise no nível das funções de linguagem. Entretanto, pela harmonia conveniente entre os textos escrito e imagético no processo de retextualização, é possível considerar que não há elementos que funcionem como empecilhos para a boa interpretação do que lê.

Discussão dos Resultados

A partir da análise das passagens do capítulo 36 da obra *Emoji Dick, or The Whale* e das funções da linguagem predominantes em cada uma delas, pode-se considerar que a releitura da obra *Moby Dick* feita por Fred Benenson não exerceu de forma totalmente satisfatória seu papel no tocante ao processo de retextualização.

De fato, como comprovado aqui, alguns trechos conferem uma sintonia coerente entre o texto escrito e o texto imagético. Por outro lado, também é possível notar alguns fatores que funcionaram como obstáculos que podem afetar diretamente a compreensão por parte do leitor. Dentre as funções de linguagem identificadas como predominantes no material retextualizado, a função fática ganhou destaque. O fato de ela ser a mais recorrente trabalha a favor da má interpretação e da possível não-apreciação do leitor no que diz respeito à história retextualizada e à história original.

Para ilustrar essa situação, embora não seja o objetivo central deste trabalho, pode-se tomar como exemplo um comentário encontrado no site do *The Guardian*, exibido no trecho do exemplo apresentado em 13, a seguir. Em 2013, o jornal britânico postou um artigo sobre a retextualização feita por Fred Benenson. No site em questão, um usuário teceu o seguinte comentário sobre o assunto:



Disponível em: <<https://www.theguardian.com/culture/2013/dec/11/fred-benenson-status-update-emoji-dick>>
Acesso em: 29 de novembro de 2018.

A postagem pode ser traduzida como: “Alguém pode me explicar como aquele trecho em emoji traduz ‘call me Ishmael’ (‘podes me chamar de Ismael’, na obra em português)? Depois de ‘call’, parece bem arbitrário. Está faltando algum tipo de inteligência de minha parte?”.

A passagem em questão foi analisada e esclarecida neste trabalho. Contudo, ao que parece,



a interpretação da primeira linha de *Moby Dick* pode não ser tão pertinente para alguns leitores. Essa situação pode ter sido causada, provavelmente, pela falta de conhecimento dos emojis e de seus significados por parte de quem os lê.

Considerações Finais

Ao final deste estudo, foi possível notar, entre outros aspectos, que muitas vezes os emojis não funcionaram como uma leitura adequada com o texto verbal. Entretanto, esse cenário permite que sejam consideradas várias questões: por que os emojis não têm harmonia? Qual seria o propósito da releitura? Até que ponto os emojis são uma releitura do texto verbal? O intuito de conquistar o leitor para a leitura em emojis – que é uma leitura nova, diferenciada – pode ter sido, em nível de intencionalidade, um dos motivos para a produção de *Emoji Dick, or The Whale*, uma artimanha do autor para sugerir ou buscar a aceitabilidade, a receptividade do leitor. Porém, talvez o objetivo não tenha sido alcançado de forma pertinente, visto que, a partir das análises feitas neste trabalho, há elementos conflituosos no que diz respeito à leitura do texto.

Outro ponto importante que pode ser percebido nesta pesquisa é a função dos emojis como uma possível língua global. Esses pictogramas não possuem a mesma configuração significativa que os textos escritos em idiomas diferentes têm. Eles carregam um sentido muito mais amplo e, além disso, são uma porta aberta para mais de um significado. O simples fato de a produção original de Benenson ser em inglês e, como pode ser conferido em algumas passagens analisadas aqui, um nativo do português poder entender o texto imagético – e assim, conseqüentemente, a história em si – sem qualquer transtorno (ainda que com dificuldades no que diz respeito à leitura de imagens, que é uma atividade incomum) é uma prova de que os emojis podem funcionar como língua global.

Durante a produção deste trabalho, foram encontrados na internet diversos comentários sobre a obra *Emoji Dick, or The Whale*, como o apresentado no exemplo 13, feito na página do jornal britânico *The Guardian*. Contudo, outros dois comentários merecem ser exibidos, a fim de contribuir para esta pesquisa:

Exemplo 14

1. Vaughn

February 23, 2013 at 2:01 pm

The so-called "Emoji Dick", written in a "kind of smart phone based pidgin language" should be added to LOC's collection only in the cartoon section. This certainly doesn't deserve to be called a book.

Disponível em: <<https://blogs.loc.gov/loc/2013/02/a-whale-of-an-acquisition/>>

Acesso em: 29 de novembro de 2018.

Exemplo 15

2. Joe

August 18, 2013 at 7:18 pm

What defines a "book"? Does emoji count as a script? As pictographs? How is it any different from hieroglyphs or early cuneiform or other stuff? does the fact it was designed to supplement other writing systems make it any less a writing system of its own? Is Emoji Dick a parody or a translation of Moby Dick, or something in between?

Disponível em: <<https://blogs.loc.gov/loc/2013/02/a-whale-of-an-acquisition/>>

Acesso em: 29 de novembro de 2018.



Os comentários mostrados nos exemplos 14 e 15 foram retirados do site da Biblioteca Nacional do Congresso norte-americano⁵. É importante ressaltar que a obra *Emoji Dick, or The Whale* foi o primeiro livro em emoji aceito⁶ pela Biblioteca Nacional do Congresso, em 2013.

O primeiro comentário pode ser traduzido como “O tão-chamado ‘Emoji Dick’, escrito em um ‘tipo de linguagem de *smartphone*’ deveria ser adicionado à coleção da Biblioteca do Congresso somente na seção de desenhos. Isso certamente não merece ser chamado de um livro”. Aqui, o internauta mostra-se desconfortável com o fato de a retextualização em emojis feita por Fred Benenson ter sido aceita pela biblioteca nacional dos Estados Unidos. Embora ele reconheça *Emoji Dick, or The Whale* como um livro de desenhos, o internauta deprecia, de certa forma, a retextualização de *Moby Dick* ao final de seu comentário, explicitando que ela “não deveria ser chamada de livro”. Tais considerações podem ser vistas como uma crítica a essa nova forma de texto multimodal e, também, como uma espécie de resistência ou ideia reducionista em relação ao uso dos emojis como leitura equivalente ao texto escrito.

O exemplo 15, por sua vez, apresenta um comentário que pode ser traduzido da seguinte maneira: “O que define um ‘livro’? O emoji conta como uma escrita? Como pictogramas? Como eles se diferem dos hieróglifos ou da escrita cuneiforme ou coisas do tipo? O fato de isso ter sido feito para complementar outro sistema de escrita faz disso um sistema de escrita menor? *Emoji Dick* é uma paródia ou uma tradução de *Moby Dick*, ou algo entre essas duas coisas?”. As perguntas presentes no comentário são extremamente importantes não só para os resultados apurados a partir da pesquisa por nós realizada, como também para se pensar em futuros trabalhos de investigação sobre esse tema. Ao contrário do comentário apresentado no exemplo 14, o internauta questiona o que é necessário para que algo seja considerado um livro. O fato de *Emoji Dick, or The Whale* ter sido composto por imagens faz dele menos texto do que um texto escrito? É possível afirmar que os emojis podem ser comparados com as escritas imagéticas de quando ainda não havia um sistema de escrita através de palavras? Estaria, então, a escrita evoluindo ou regredindo no que diz respeito a essa mudança? Estaríamos nós [seres humanos] retornando às origens? Ou descobrindo uma forma de linguagem universal através da qual todos podem ser entendidos em situações diversas?

O assunto tratado neste trabalho é algo relativamente novo. Ele é experimental e não tem a pretensão de fazer uma crítica que não seja construtiva. Ele também não tem, de forma alguma, a pretensão de esgotar as possibilidades de investigação sobre o assunto. Pelo contrário, espera-se que este trabalho sirva de ponto de partida para que outros estudiosos aprofundem a investigação acerca dessa nova forma de comunicação que são os emojis.

⁵ “A Biblioteca do Congresso (em inglês: Library of Congress) é a biblioteca de pesquisa do Congresso dos Estados Unidos, sendo de facto a biblioteca nacional dos Estados Unidos e a instituição cultural mais antiga daquele país. Localizada em três edifícios na capital dos Estados Unidos, Washington, D.C., a Biblioteca do Congresso possui mais de 155 milhões de itens, incluindo materiais disponíveis em 470 idiomas, configurando a maior biblioteca do mundo em espaço de armazenagem e número de livros.”

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Biblioteca_do_Congresso> Acesso em 29 de novembro de 2018.

⁶Sobre essa questão, verificar: <<https://www.dailydot.com/culture/library-congress-emoji-moby-dick/>> Acesso em 29 de novembro de 2019.



Referências Bibliográficas

- AVELAR, F. T. **A pragmática dos emojis na comunicação digital**. 2018. 103f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.
- BENENSON, F. (Ed.). **Emoji Dick, or The Whale**. New York: Harper-Collins Publishers, 2010.
- CHALHUB, S. **Funções da linguagem**. 8. ed. São Paulo: Ática, 1997. (Série Princípios)
- COHEN, Marcel. **Resumo da História da Escrita**. In.: Revista de História, Universidade de São Paulo (USP). Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/128945/125629>>. Acesso em 13 de out. 2018.
- EVANS, V. **The emoji code**. New York: Picador, 2017.
- FLORES, V. N.; TEIXEIRA, M. **Introdução à linguística da enunciação**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2017.
- JAKOBSON, R. **Linguística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1979.
- MADDOX, M. (2015). **Emoji**. In: Daily Writing Tips. Disponível em: <<http://www.dailywritingtips.com/emoji/>>. Acesso em: 20 de out. 2018.
- MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- MELVILLE, H. **Moby Dick or The Whale**. Londres: Richard Bentley Publisher, 1851.
- PAIVA, V. L. M. O. A linguagem dos emojis. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, 55 (2), 2016, p. 379-399. In: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8647400>>. Acesso em: 16 set. 2019.
- Vídeo: **Ecce Homo – episódio 06 – A Escrita**. Direção: Louis Frase. Québec/Canadá, 1998. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TOHP71q_VDU> Acesso em: 22 de set. 2018.

